

Influência da rede de apoio social na promoção do aleitamento materno: percepção das nutrizes

Influence of the social support network in the promotion of breastfeeding: perception of nursing mother

Maria Eduarda Santos Carvalho¹, Luciana Pessoa Maciel Diniz², Janylle Brenda Araújo da Silva³, Nadja Maria dos Santos⁴, Vanessa Cardoso Pereira⁵

Artigo Original

RESUMO

Objetivo: Compreender a percepção de nutrizes acerca da influência da rede de apoio social na promoção do aleitamento materno. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, tendo como participantes as mães atendidas na Estratégia Saúde da Família. Para coleta de dados foi utilizada como técnica, a entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa 18 nutrizes que foram incluídas a partir dos critérios: ter filho de até 6 meses, estando em amamentação ou não, e ter realizado o pré-natal adequado. **Resultados:** A análise do material coletado permitiu o surgimento de 3 categorias: A amamentação: miscelânea de sentimentos e cultura; A rede de apoio familiar: desafios, dificuldades e limites; O papel da enfermagem dentro da rede de apoio e do sucesso da amamentação. **Considerações finais:** Demonstrou que as participantes, em sua maioria, não receberam uma orientação sobre amamentação durante o pré-natal, o que pode muitas vezes desestimular o processo após o parto.

PALAVRAS-CHAVE: Amamentação. Puerpério. Profissional de saúde. Apoio Familiar.

ABSTRACT

Objective: To understand the perception of nursing mothers about the influence of the social support network in the promotion of breastfeeding. **Method:** This is a descriptive study with a qualitative approach, having as participants the mothers assisted in the Family Health Strategy. For data collection, the semi-structured interview was used as a technique. A total of 18 nursing mothers participated in the research, who were included based on the following criteria: having a child up to 6 months old, being breastfed or not, and having had adequate prenatal care. **Results:** The analysis of the material collected allowed the emergence of 3 categories: Breastfeeding: miscellany of feelings and culture; The family support network: challenges, difficulties and limits; The role of nursing within the support network and the success of breastfeeding. **Final considerations:** It showed that most participants did not receive guidance on breastfeeding during prenatal care, which can often discourage the process after delivery

KEYWORDS: Breast Feeding. Postpartum Period. Health Personnel. Family Support.

¹ Universidade de Pernambuco (UPE)  <https://orcid.org/0000-0003-1554-8047>  mescarvalho@gmail.com

² Universidade de Pernambuco (UPE)  <https://orcid.org/0000-0002-1774-3869>

³ Universidade de Pernambuco (UPE)  <https://orcid.org/0000-0002-9138-2280>

⁴ Universidade de Pernambuco (UPE)  <https://orcid.org/0000-0003-3132-5687>

⁵ Prefeitura Municipal de Petrolina, PE  <https://orcid.org/0000-0002-1030-9277>

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é um processo natural que envolve o vínculo, o afeto e a proteção entre mãe e filho. É considerado uma intervenção eficaz para redução da morbimortalidade infantil, pois tem repercussões no estado nutricional da criança com propriedades que fortalecem o sistema imunológico¹.

No que diz respeito à mulher, o ato de amamentar também é extremamente benéfico: diminui as chances de ela desenvolver câncer de mama e útero; tem um menor custo financeiro, permitindo um impacto na promoção da saúde integral do binômio mãe/filho, no entanto, o conhecimento sobre os benefícios do aleitamento materno não é universal. Muitas mães baseiam-se nos mitos e crenças que são transmitidos pela sociedade, familiares e comunidade, o que muitas vezes podem interferir positiva ou negativamente no ato de amamentar¹⁻².

Nesse aspecto, a rede social de apoio a qual faz parte pode exercer interferência na decisão de amamentar, através do incentivo ou desestímulo, com o repasse de conhecimentos e valores culturais obtidos pela experiência de vida e tradição familiar. Portanto, não basta que a mãe opte pelo aleitamento materno, é necessário que esta esteja inserida em um ambiente que a apoie na sua decisão, para que essa prática seja bem-sucedida³.

Dentro desse contexto, os profissionais de saúde necessitam compreender como o seu trabalho de promoção e apoio ao aleitamento materno não será bem-sucedido se ele não tiver um olhar atento, abrangente, sempre levando em consideração os aspectos emocionais, a cultura familiar, e a rede de apoio à mulher³.

Diante do exposto, considerando a importância do aleitamento materno para o crescimento e desenvolvimento da criança e da rede de apoio para influenciar a amamentação, este estudo tem como objetivo compreender a percepção de nutrizes acerca da influência da rede de apoio social na promoção do aleitamento materno.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com nutrizes cadastradas em Unidades Básicas de Saúde (UBS) da zona urbana do município de Petrolina-PE, no período de junho a setembro de 2021.

Este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fundação Universidade de Pernambuco (parecer n.º 4.537.374 / CAAE n.º 42154821.4.0000.5195) e obedeceu aos preceitos estabelecidos na Resolução Nº. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012), tendo sido aprovado.

As nutrizes foram recrutadas através dos agentes comunitários de saúde das equipes de saúde da família do município. Para coleta de dados, foi utilizada como técnica a entrevista semiestruturada por meio do instrumento questionário semiestruturado, em formato presencial, seguindo todas as normas de distanciamento social impostas devido à pandemia por COVID-19.

Participaram da pesquisa 18 nutrizes que foram incluídas no estudo a partir dos seguintes critérios: ter filho de até 6 meses, estando em aleitamento ou não e ter realizado o pré-natal adequado. Para garantir o sigilo e os direitos reservados, optou-se por identificá-los com a inicial M, seguida de uma numeração, exemplo: M1, M2.

A busca das informações ocorreu até a saturação dos dados advindos das respostas dos participantes que compuseram a pesquisa, nesse sentido, buscando o entendimento dos significados das falas e comportamentos⁴. Após a coleta, os dados obtidos foram analisados através da técnica de Bardin (2011), e posteriormente foram organizadas em categorias de acordo com suas falas e seus pontos em comum.

A análise do material coletado por meio das entrevistas permitiu o surgimento de conteúdos que consonaram em temas de sentidos e, a partir desses, articularam nas seguintes categorias: A amamentação: miscelânea de sentimentos e cultura; A rede de apoio familiar: desafios, dificuldades e limites; O papel da enfermagem dentro da rede de apoio e do sucesso da amamentação.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 18 nutrizes, apresentando as seguintes características: quanto à idade, a média entre as entrevistadas foi de 24 anos, sendo 77,7% entre 18 e 35 anos, 16,6% com idade menor que 18 anos e a menor parte, 5,5% com idade maior que 35 anos.

Em relação ao estado civil: 44,4% possuíam união estável, 27,7% eram solteiras e 27,7% casadas. Quanto à raça/cor: 72,2% se consideram pardas, 22,2% preta e 16,6% branca, respectivamente. No que se refere à ocupação, 83,3% possuíam vínculo empregatício e 16,6% tinham vínculo, sendo estas: agricultoras, comerciantes e professoras.

No tocante à renda familiar: 55,5% tinham renda entre 1 a 2 salários mínimos, 22,2% possuía renda menor que um salário mínimo e 22,2% tinha renda entre 2 a 3 salários mínimos. No que diz respeito aos aspectos obstétricos, foi observado que a maior parte das mulheres não apresentavam partos anteriores, sendo 67% delas primíparas, 17% secundíparas e 16% múltiparas.

Em relação à amamentação atual, foi observado que a maior parte das nutrizes ainda estavam amamentando seus filhos mesmo não sendo exclusivamente, sendo que 89% ainda

amamentavam exclusivamente, enquanto 11% não estavam mais oferecendo o peito. Sobre os motivos de não estarem amamentando, pode-se observar a prematuridade da criança.

A amamentação: uma miscelânea de sentimentos e cultura

Sabe-se que o leite materno é o alimento mais indicado para bebês até os seis meses, por ser completo de todos os nutrientes essenciais para a criança. Conferindo proteção imunológica e a redução da mortalidade, evitando, assim diarreia e infecções respiratórias⁵.

Outro benefício visto em literaturas é a promoção do vínculo afetivo entre o binômio mãe e filho sendo um fator positivo para ambos⁵. Durante os relatos, algumas mães trouxeram uma percepção de aumento do vínculo entre o binômio mãe-filho durante o processo de amamentar como citado nos trechos abaixo:

(...) percebi também que o meu vínculo com ele está aumentando, estamos mais próximos por causa da amamentação (...) (M4).

(...) eu vejo que causa um fortalecimento entre nós dois (...) (M3).

Uma amamentação com contato contínuo entre eles, traz benefícios psicológicos fortalecendo os laços, oportunizando intimidade, troca de afeto e sentimentos de segurança e de proteção na criança⁶.

Apesar da amamentação trazer todos os benefícios e satisfação para as mulheres, pode causar também sentimentos de angústia às nutrizes, principalmente as primíparas e jovens. Assim, embora as mulheres sejam preparadas biologicamente para a amamentação, há vários fatores que podem interferir negativamente no seu sentimento em relação a este ato, tais como: ansiedade, falta de confiança de que seu leite é suficiente e apoio interno para amamentar⁷.

Foi possível apreender durante a pesquisa, que o ato de amamentar pode trazer à tona alguns sentimentos negativos com relação à experiência e principalmente relacionando com as palavras que aquela nutriz pode escutar durante esse processo tão delicado, como é evidenciado nas falas que se seguem:

A pessoa fica frustrada (...) envergonhada e com medo de não conseguir amamentar o bebê (...) (M4),

Eu fico triste (...) fico angustiada e sem saber se meu leite está sendo suficiente (M3).

Você duvida (...) que tem capacidade de dar o leite (...) (M18).

Ressalta-se que algumas mães relataram sentimentos negativos e de frustração por não conseguirem amamentar seus filhos devido à prematuridade e por eles terem que ficar internados na UTI Neonatal. Como citado no trecho abaixo:

Eu tenho uma tristeza (...) eu queria muito que ele mamasse (...) é tão bom o leite da mãe para ele (...) é ruim a pessoa ter que dar outro tipo de leite (...) até por conta que ele é um prematuro (M13).

Nader e colaboradores⁸ mostram em seu estudo que mães de prematuros se demonstram mais ansiosas e com dificuldades de enfrentar a vivência da hospitalização do seu filho, o que pode posteriormente impossibilitar a amamentação após a alta hospitalar, necessitando de maior apoio e uma rede mais efetiva.

A amamentação é um fator protetor contra a Depressão Pós-Parto (DPP), pois proporciona condições psicológicas e emocionais para a mãe, atuando na diminuição do risco de desenvolver essa alteração psicológica e outros sintomas emocionais durante o período puerperal⁸.

Assim, as dificuldades para amamentar e para o desmame apresentam-se como causas do aumento de depressão pós-parto, pois além da frustração de não poder amamentar, a mulher pode sofrer influência negativa da sua rede de apoio ou não contar com ela para lhe ajudar neste momento⁹.

Neste cenário de sentimentos, pode-se perceber que alguns mitos e crenças transmitidos pela rede de apoio podem ser uma das causas de mistos de sensações para a mulher, o que pode ser decisivo durante a prática de amamentar levando ao desmame precoce. Como notado nas verbalizações das entrevistadas a seguir:

(...) que meu leite era fraco (...) que eu não ia ter leite o suficiente para o bebê pois eu demorei a dar o peito (M4).

(...) as pessoas já me falaram que tinha leite fraco (...) que meu leite não estava sendo suficiente para matar a fome da criança (M3).

Os mitos do tipo: “meu leite é fraco”, “o leite secou”, “o leite não mata sede do bebê”, são motivos para introdução precoce de mamadeiras, bicos artificiais, água, chás e sucos. Essas práticas geralmente advêm de conselhos de pessoas do convívio da mãe, que transmitem crenças, práticas e ensinamentos que podem atuar diretamente como um elemento desestimulador da prática de amamentar¹⁰.

Por outro lado, percebe-se a prevalência da satisfação e afloramento de sentimentos positivos em relação à amamentação. Pode-se perceber durante os relatos que a maioria nutria expressa sentimentos positivos sobre a experiência de amamentar, e o ato de nutrir seu filho, com ou sem uma rede de apoio, como citado nos trechos abaixo:

(...) é uma satisfação saber que você consegue nutrir o seu filho (M5).

(...) eu sinto alegria por estar alimentando minha filha (M18).

A análise dos relatos permitiu identificar que as mães, apesar das intervenções negativas das crenças passadas de geração para geração, sabem da importância do processo de amamentação para o binômio mãe e filho, e se mostraram bastante contentes com a

experiência da amamentação, mesmo que não possuam um apoio adequado de familiares ou da sociedade.

A rede de apoio familiar: desafios, dificuldades e limites

As redes de apoio podem ser percebidas como um sistema de reciprocidades, envolvendo a nutriz, mediante ações de alianças ou conflitos. Os agentes que compõem a rede podem assumir posições de ajuda em algum problema ou necessidade, com vínculos interpessoais ocasionando sentimento de confiança e amizade entre os membros dessa rede¹¹.

Esta rede é uma fortalecedora da amamentação, exercendo funções de apoio material e de serviços, por meio do cuidado com outros filhos, nos afazeres domésticos e no auxílio na amamentação, principalmente pelo pai e avó materna da criança¹².

A partir dos relatos, algumas nutrizes trouxeram seus sentimentos e percepções sobre a sua rede de apoio durante a amamentação, e como este apoio que ela recebeu foi definitivo para o processo, como visto nos trechos abaixo:

(...) me ajudava fazendo massagem porque meu peito estava bem cheio e ainda chegou a ficar bem duro (...) e tirou o leite também para amamentar (...) (M10).

(...) elas me ajudavam porque antes eu tive uma dificuldade porque o bico do peito é bem pequeno e não pegava tão fácil assim (...) aí tinha que uma pessoa segurar para eu colocar o peito na boca dele (M16).

Foi perceptível também que as redes de apoio das nutrizes não ajudavam somente na hora da amamentação, mas também com todos os afazeres domésticos, tendo uma função de apoio naquele momento. Como citado nos trechos abaixo:

(...) eles ajudaram a cuidar da casa para que eu pudesse amamentar (...). (M3)

(...) ajudaram na casa [Esposo e filha] (...) fazendo as refeições para mim (...) (M14).

Ajudam no cuidado com ele no geral (...) me deixaram bem à vontade para amamentar (...). (M15)

Esta rede exerce um papel essencial para a promoção da amamentação através do auxílio das pessoas que se encontram mais presentes na rotina daquela mãe desde a gestação até os cuidados com o bebê pós-parto, com práticas e experiências passadas positivas e que possam contribuir no processo de amamentar¹³.

Diante dos relatos, é notório o fortalecimento do ato de amamentar pelas nutrizes com o apoio da sua rede. As mães que apresentaram dificuldades com a amamentação relatam em suas falas o quanto foi importante ter aquele apoio por perto no momento de insegurança e medo, e também para manutenção do autocuidado o que pode trazer mais confiança as puérperas, como seguem nas falas a seguir:

Acho que com a ajuda durante esse período a mãe consegue manter o peito por mais tempo (...) (M1).

Acho que a ajuda que recebi foi importante para manter a amamentação e não desistir (...) (M9).

(...) é bastante difícil você se dar conta sozinha de tudo (...) a ajuda faz com que você possa sentar e ter um tempo melhor para a amamentação (M15).

O apoio na promoção e continuidade da prática do aleitamento materno influencia positivamente para prevalência e duração do processo. A família, principalmente as avós (mães e sogras das puérperas), protagoniza esse papel fundamental devido às vivências acumuladas diante a maternidade^{13,14}. A principal rede de apoio citada pelas entrevistas foi a mãe delas, pois essas, para as nutrizes, eram mais experientes no que se refere à amamentação e cuidados com a criança, como é visto nas falas abaixo:

Minha mãe me ajudou (...) tudo que você tiver direito ela ajudou (M6).

(...)minha mãe tinha a experiência já (...) acho que passa mais confiança para você (M17).

As mulheres que já tiveram vivência com a amamentação atuam como referência para nutriz, exercendo um papel fortalecedor para o incentivo do aleitamento materno¹⁵.

Além do auxílio oferecido pelas avós materna e paterna, o pai também é um importante sujeito no apoio durante o processo de amamentação¹¹. Segundo Nobrega e colaboradores¹¹, a pessoa mais próxima à mulher fornece o suporte necessário, auxiliando na amamentação e também nos demais afazeres.

Com relação ao apoio do companheiro durante a amamentação e cuidados com o bebê, foram descritas pelas mães que a maioria prestava apoio na amamentação, algumas relataram que os pais ajudavam nos cuidados com a casa ou cuidados com a criança, como é evidenciado nas falas a seguir:

(...) ele ajudou a cuidar da casa para que eu pudesse amamentar (...) (M3).

(...) meu esposo e meu filho estavam comigo (...) não me ajudaram na amamentação (...) foi eu mesma aprendendo no dia a dia (M5).

(...) assim ele ajuda (...) fica com ela (...) cuida dela (...) só que na amamentação não (M7).

Apesar da importância da inclusão da família nesta prática, na maioria dos casos nota-se o acúmulo de papéis da mulher com a dupla jornada de trabalho, a licença maternidade representa um fator para proteção e promoção do aleitamento materno, onde mães que recebem a licença apresentam maior prevalência de aleitamento materno exclusivo do que aquelas que não recebem esse benefício¹⁶⁻¹⁷.

Através dos relatos, pode-se perceber uma inquietação das mães em relação à volta ao trabalho, principalmente as primigestas, que se demonstraram bastante apreensivas sobre como ia ser o futuro da amamentação e do cuidado de seu filho, como visto nos trechos abaixo:

(...) a única me atrapalhando agora é eu ter que voltar a trabalhar (...) (M11).

Infelizmente, o Brasil não apoia (...) porque se são seis meses, eu teria que ficar em casa seis meses (...) depende se eu for concursada ou não concursada (...) eles não apoiam (...) não existe apoio (...) (M7).

Se não fosse a questão de trabalhar eu deixava no leite até mais tarde (...) (M14).

O processo de amamentar entre as mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho é complexo, colocando a mulher numa posição solitária de fazer a difícil escolha entre amamentar e trabalhar¹⁸. É possível observar várias mulheres no mercado que ainda não tem o direito de receber o benefício de licença maternidade e também ainda não tem o apoio da sua rede no retorno ao trabalho¹⁹.

O fato da mulher ter que retornar cedo ao trabalho por inúmeras questões como financeiras ou até mesmo medo de perder o trabalho, pode levar a uma separação precoce do binômio, o que causa uma angústia e insegurança da mãe em cuidar do seu filho ou até mesmo abandonar seu trabalho para se dedicar exclusivamente ao seu lar¹⁸. Como visto nos trechos abaixo:

Eu estou querendo sair do trabalho para cuidar deles melhor (...) (M14).

(...) acho que vão me colocar para fora (...) eu vou gostar que já estou querendo sair para cuidar mais dela (M12).

O aconselhamento profissional e ensino do manejo da lactação, incluindo a rede de apoio daquela lactante no período de retorno ao trabalho e adaptação para a família, é essencial para manter uma promoção da amamentação e que garanta a continuidade do vínculo¹⁸.

O papel da enfermagem dentro da rede de apoio e do sucesso da amamentação

Uma das principais redes de apoio para a nutriz durante o processo de amamentação ainda é o profissional de saúde que lhe acompanha durante o pré-natal, parto, puerpério e desenvolvimento da criança. Através das entrevistas, é notório que as mães tenham um olhar para o profissional de saúde como detentor do saber para lhe dá orientações sobre a amamentação, como visto nos trechos abaixo:

Esse negócio mesmo de mamada certa, pegada certa (...) tudo foi elas que me ensinaram (...) (M13).

Recebi orientação dos profissionais da UBS (...) agente de saúde, enfermeira e nutricionista (...) e a enfermeira que fez meu parto lá no hospital (M4).

O processo de estímulo e fortalecimento do processo de amamentação se dá principalmente por meio da atenção primária à saúde que atua como referência, porta de entrada do Sistema Único de Saúde. Entre os profissionais que atuam neste âmbito o que mais se destaca é o enfermeiro, pois este é o profissional que mantém um contato mais próximo à população, orientando as gestantes durante o pré-natal, no puerpério e na puericultura sobre a melhor alimentação da criança e seus benefícios²⁰. Como é visto nas falas abaixo:

(...) a enfermeira do hospital me ensinou (...) (M9).

Empedrou o peito (...) aí a enfermeira me ensinou uma passagem para melhorar (...) (M16).

Me ajudaram muito por conta das fissuras (...) teve um tempo que eu pensei em desistir de amamentar de tanta dor (...) com a ajuda deles, eu continuei a amamentação (M7).

O profissional de enfermagem deve incentivar as ações que auxiliem na prática da amamentação, desmistificando crenças, dúvidas e receios. O seu trabalho deve iniciar ainda no pré-natal e estendido até o período de puerpério²¹.

O pré-natal é o período para que o enfermeiro identifique os conhecimentos, crenças e experiências sobre a amamentação e trabalhar neles para evitar a desistência precoce de amamentar. O conhecimento sobre as angústias daquela gestante auxilia no planejamento das orientações pré-natais e de pós-parto, o que garante uma melhor promoção ao aleitamento materno²¹. No entanto, a maioria das mulheres mencionou que não recebeu orientações sobre o aleitamento durante o pré-natal, somente após o parto, como visto nos trechos abaixo:

(...) durante a gravidez, eu não tive essa orientação sobre a questão do bico (...) posição correta (...) aí a pessoa tem medo né (M9).

Não recebi durante o pré-natal (...) e depois que ela nasceu, me falaram um pouco no hospital (M11).

O sucesso do aleitamento materno até os seis primeiros meses de vida do bebê dependerá das orientações oferecidas desde as consultas de pré-natal²². A falta de conhecimento e de orientações a respeito da amamentação pode ser um dos principais motivos para o desmame precoce. Por esse motivo, a qualidade da assistência durante o pré-natal irá influenciar diretamente na saúde do binômio e na segurança das mães na prática do aleitamento materno²³.

As orientações de enfermagem para a amamentação devem ser realizadas com uma técnica adequada, explicando a posição e pega correta, prestando informações com relação aos cuidados que devem ser realizados para cuidar dos mamilos no pré-natal e no pós-parto²³, nas falas a seguir, pode-se perceber que todas as puérperas receberam orientações sobre amamentação, tanto no hospital, pelo banco de leite, quanto na visita puerperal que tem que ser realizada pela equipe de saúde da unidade de seu bairro:

Recebi no hospital e também, da enfermeira e do agente de saúde do postinho, no dia que veio aqui, após o parto (M5).

Recebi orientação sobre amamentação na consulta pós-natal que tive com a enfermeira do posto (M14).

A consulta puerperal é um momento para que o enfermeiro possa identificar alguns fatores que estão relacionados ao amamentar logo no início da vida do Recém-Nascido, utilizando como ferramenta, a escuta qualificada da mulher e o exame físico do binômio. Nessa perspectiva, no momento da consulta, o enfermeiro deve identificar as principais dificuldades que a mulher pode estar passando, como a pega, sucção não nutritiva, uso inadequado de cosméticos nas mamas, entre outros²¹.

Com intuito de promover o aleitamento materno e as ações voltadas para esta temática, foram criados os bancos de leite humano (BLH), onde os profissionais acompanham as mulheres que apresentam dificuldades na prática. Assim, além de realizarem o processamento e controle de qualidade do leite, são doados para bebês prematuros²⁴. Uma das principais ajudas que foi relatada pelas nutrizes durante o período da amamentação e as dificuldades que esse processo traz foi o BLH que fica na maternidade local, como visto nos trechos abaixo:

Me ajudaram muito por conta das fissuras (...) teve um tempo que eu pensei em desistir de amamentar de tanta dor (...) só que depois fui no biama (BLH) e me deram a orientação (M6).

Eu fui no biama (BLH) quando meu peito estava cheio (...) ainda fui lá umas duas vezes e lá me falaram algumas coisas (M10).

As intervenções de promoção e apoio à amamentação devem ser utilizadas tanto na rede hospitalar como na atenção básica. É fundamental que o profissional construa um vínculo com a mulher/nutriz e conheça suas necessidades, estabelecendo uma comunicação para alcançar o aleitamento ideal²⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou compreender a percepção de nutrizes acerca da influência da rede de apoio social na promoção do aleitamento materno. Desse modo, o entendimento de como a rede de apoio desta mulher auxilia durante o processo de amamentação, como, ajuda com os cuidados domiciliares, cuidados com o recém-nascido e ajuda nas dificuldades que enfrentaram durante a amamentação.

A pesquisa demonstrou que as participantes, em sua maioria, não receberam orientação sobre amamentação e cuidados com as mamas durante o pré-natal, o que pode muitas vezes desestimular o processo de aleitamento após o parto.

A partir desta pesquisa, os autores notaram a necessidade da elaboração de novas pesquisas sobre a temática e área envolvidas em questão para poder gerar ações mais adequadas e participativas pelos profissionais de saúde que prestam atendimento para esse público, aprofundando-se cada vez mais devido à escassez de material existente.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [acesso em 2021 out. 25]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf.
2. Bich TH, Hoa DTP, Ha NT, Vui LT, Nghia DT, Malqvist M . Father's involvement and its effect on early breastfeeding practices in Viet Nam. *Maternal & child nutrition*. [Internet]. 2016 [acesso em 2021 out. 25]. 12(4): 768-777. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/mcn.12207>.
3. Ferraz L, Oliveira PP, Antonioli MA, Benedett A, Bossetti V, Almeida K. Opinião de mulheres sobre a participação do pai no aleitamento materno. *UNIPAR*. [Internet]. 2016 [acesso em 2021 out. 25]. 20(2): 95-99. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/4674>.
4. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. *HUCITEC*. [Internet]. 2007 [acesso em 2021 out. 25]. 12(4): 406. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FgpDFKSpjybvGMj4QK6Ssv/>
5. Braga M, Gonçalves MDS, Augusto CR. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. *Brazilian Journal of Development*. [Internet]. 2020 [acesso em 2021 out. 25]. 6(9): 70250-70261. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16985>.
6. Rodrigues GMS, Lima OF, Aoyama EA, Souza RAG. Aleitamento materno é mais que um direito: um benefício para toda a família. *ReBIS*. [Internet]. 2019 [acesso em 2021 out. 25]. 1(1): 1-8. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/download/16/13>.
7. Alvarenga SC, Castro DS, Leite FMC, Brandão MAG, Zandonade E, Primo CC. Fatores que influenciam o desmame precoce. *Aquichan*. [Internet]. 2017 [acesso em 2021 out. 25]. 17(1): 93-103. Disponível em: http://scielo.php?script=sci_arttext&pid=S165759972017000100093
8. Nader JM, Moreira NC, Carvalho LOO, Rassi A, Brito AFP, Silveira MMM. Correlação entre autoeficácia em amamentação e depressão pós-parto. *Brazilian Journal of Health Review*. [Internet]. 2020 [acesso 2021 nov. 5]. 3(2): 3875-3888. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9422>.
9. Vieira F, Tonhá ACM, Martines DMC, Ferraresi MF, Bachion MM. Diagnósticos de enfermagem relacionados à amamentação no puerpério imediato. *Rev Rene*. [Internet]. 2011 [acesso 2021 nov. 5]. 12(3): 462-470. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027976003.pdf>.
10. Oliveira AKP, Melo RA, Diniz LPM, Tavares AK, Amando AR, Sena CRS. Práticas e crenças populares associadas ao desmame precoce. *Av. enferm*. [Internet]. 2017 [acesso

- 2021 nov. 5]. 35(3): 303-312. Disponível em:
<https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/62542>.
11. Nóbrega VCF, Melo RHV, Diniz ALTM, Vilar RLA. As redes sociais de apoio para o Aleitamento Materno: uma pesquisa-ação. *Saúde Debate*. [Internet]. 2019 [acesso 2021 nov. 5]. 43(121): 429-440. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/DG9yT5KhWRNC3SY4ty7XMkC/?lang=pt>.
 12. Wagner LPB, Mazza VA, Souza SRRK, Chiesa A, Lacerda MR, Soares L. Fortalecedores e fragilizadores da amamentação na ótica da nutriz e de sua família. *Rev Esc Enferm USP*. [Internet]. 2020 [acesso 2021 nov. 7]. 54:e03563. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018034303564>
 13. Alves YR, Couto LLD, Barreto ACM, Quitete JB. A amamentação sob a égide de redes de apoio: uma estratégia facilitadora. *Escola Anna Nery*. [Internet]. 2019 [acesso 2021 nov. 7]. 24(1):e20190017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0017>.
 14. Baño-Piñero I, Martínez-Roche ME, Canteras-Jordana M, Carrillo-García C, Orenes-Piñero E. Impact of support networks for breastfeeding: A multicentre study. *Women and Birth*. [Internet]. 2018 [acesso em 2021 out. 25]. 31(4): e239-e244. Disponível em:
<https://doi.org/10.1016/j.wombi.2017.10.002>.
 15. Gonzalez-Darias A, Diaz-Gomez NM, Rodriguez-Martin S, Hernandez-Perez C, Aguirre-Jaime A. Supporting a first-time mother: Assessment of success of a breastfeeding promotion programme. *Midwifery*. [Internet]. 2020 [acesso em 2021 out. 25]. 85(102687). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2020.102687>.
 16. Emmott EH, Mace R. Practical support from fathers and grandmothers is associated with lower levels of breastfeeding in the UK millennium cohort study. *PLoS ONE*. [Internet]. 2015 [acesso em 2021 out. 25]. 10(7): e0133547. Disponível em:
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0133547>.
 17. Machado MCM, Assis KF, Oliveira FDCC, Ribeiro AQ, Araújo RMA, Cury AF, Priore SE, Franceschini SDCC. Determinantes do abandono do aleitamento materno exclusivo: fatores psicossociais. *Rev Saúde Pública*. [Internet]. 2014 [acesso 2021 nov. 16]. 48(6): 985-994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048005340>.
 18. Ribeiro KV, Florentino CLV, Almeida MDC, Peres PLP, Rodrigues BMRD. A amamentação e o trabalho informal: a vivência de mães trabalhadoras. *Rev Pró-UniverSUS*. [Internet]. 2017 [acesso 2021 nov. 23]. 8(2): 03-09. Disponível em:
<http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/504>.
 19. Rimes KA, Oliveira MIC, Boccolini CS. Licença-maternidade e aleitamento materno exclusivo. *Rev Saúde Pública*. [Internet]. 2019 [acesso 2021 nov. 16]. 53(10): 10. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2019053000244>.
 20. Sousa LF, Figueredo RC, Amorim RCCS, Silva LS, Silva RS. Desafios e potencialidades na assistência de enfermagem no aleitamento materno. *Rev Remecs*. [Internet]. 2019 [acesso 2021 nov. 23]. 4(7): 17-26. Disponível em:
<http://www.revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/41>
 21. Silva VM, Tonon TCA. Atuação do enfermeiro no processo da amamentação. *Society and Development*. [Internet]. 2020 [acesso 2021 nov. 23]. 9(10): e7819109158. Disponível em:
<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9158>.
 22. Lima RCDO, Mendonça WTL, Dias RA, Carmo IC, Resende MA, Souza G. Puerpério mediato: uma abordagem sobre o papel do enfermeiro no aleitamento materno. *REAS*. [Internet]. 2018 [acesso 2021 nov. 23]. 11: S1115-S1122. Disponível em:
<https://acervosaud.dominiotemporario.com/doc/REAS151.pdf>.

23. Lustosa E, Lima RN. Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica. *ReBIS*. [Internet]. 2020 [acesso 2021 nov. 27]. 2(2): 93-97. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/96>.
24. Fonseca RMS, Milagres LC, Franceschini SDCC, Henriques BD. O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistemática. *Ciênc Saúde Colet*. [Internet]. 2021 [acesso 2021 nov. 27]. 26(1): 309-318. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.24362018>.
25. Nascimento AMR, Silva PM, Nascimento MA, Souza G, Calsavara RA, Santos AA. Atuação do enfermeiro da estratégia saúde da família no incentivo ao aleitamento materno durante o período pré-natal. *REAS*. [Internet]. 2019 [acesso 2021 nov. 27]. e667-e667. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e667.2019>.

Artigo recebido em janeiro de 2023

Versão final aprovada em agosto de 2023